Tribuna de Minas

Contos Urbanos JF 160 Anos

Cresceu comigo – Laura Assis

O sol de meio-dia estourava no céu. E parada em um dos pontos de ônibus da Avenida Rio Branco, ela ainda insistia no hábito de olhar ao redor e simplesmente tentar catalogar o mundo. Era uma espécie de passatempo, uma reflexão constante em suas operações mentais, acostumadas a tentar encaixar eventos, sentimentos e indivíduos em sistemas lógicos. Entretanto, na maioria das vezes, isso ocorria sem nenhum resquício de sucesso, pois uma das primeiras lições que marcam a vida adulta é justamente o fato de que o mundo não se deixa organizar.

A vida é fundamentalmente descontínua, ela já tinha aprendido. As relações também não têm garantias e isso ela soube relativamente cedo. Alguns amigos sumiram ou se mudaram, pessoas se cansaram dela ou o contrário. Com a morte ela teve pouco contato, e preferia não pensar mais demoradamente no assunto. Lembrou-se que, quando mais jovem, pensou poder achar certeza no que então não parecia ser instável ou transitório, nem depender de desejos e vontades. E, vivendo há mais de trinta anos no mesmo lugar, julgou poder contar com a constância do espaço.

Mas tudo aconteceu de forma diferente. Ela não imaginava que até mesmo a cidade mudaria fisicamente, afetada pelas variações do mercado imobiliário, pela falta de sentido das campanhas políticas, pelo inchaço populacional que pareceu ter acontecido enquanto ela dormia. As mudanças vieram na forma de demolições inesperadas e enormes instalações de concreto. Quando menos se esperava, as formas justas de novos edifícios contaminavam um quarteirão e depois outro, tornando os mapas bem maiores do que a memória.

Já não era mais possível lembrar quais caminhos os ônibus que ligavam o Centro aos bairros do leste da cidade seguiam quando ainda não havia o viaduto. O prédio de vidros

escuros e seus vinte e oito andares, que passaram a projetar uma sombra imensa sobre a Catedral, pareciam sempre ter estado ali. A Avenida Independência mudou de nome e seu trânsito, cada vez mais inerte, passou a causar incômodos e atrasos dignos de uma metrópole. Nem mesmo as ruas continuaram retas e algumas esquinas se dobraram tão repentinamente quanto seus pensamentos.

Quantas repetições são necessárias até que algo se torne um hábito? Quantas vezes uma rua precisa ser percorrida para que seja de fato um caminho? Ela poderia continuar horas tentando entender os pormenores de cada processo misterioso da vida, mas o ônibus encostou no ponto e, enquanto conferia as moedas da passagem, ela pensou que, na maior parte do tempo, o melhor é mesmo não pensar. Andou até o fim do veículo e sentou-se na janela, observando o nada, rumo ao nunca se sabe.